



**UFG** UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**PIBID**  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE  
BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

**PROGRAD**  
Pró-Reitoria de Graduação



**FACULDADE DE FILOSOFIA / CEPAE**

**SUBPROJETO DE FILOSOFIA**

## **Mesa Redonda: “Professores, para quê?” 2016-2**

### **A PROFESSORA COMO ELO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE<sup>1</sup>**

Bolsistas  
Danielle Maruk  
Pedro Romário

A leitura deste texto será um exercício para nós. Na língua portuguesa usamos, frequentemente, o artigo masculino ou até a palavra “homem” para fazer referência a ambos os sexos. Todos se recordam da frase “todo homem é mortal”. Lembro-me que quando li a obra “Emílio” do estimado filósofo Jean-Jacques Rousseau, fiquei bastante impressionada com o cuidado dispensado às crianças. No entanto, ao me aproximar do final do livro, surge uma nova personagem: Sophia. Ali descobri que todos aqueles cuidados não seriam destinados às crianças, mas sim aos meninos. Nós mulheres passamos corriqueiramente por situações em que temos que “descobrir” se estamos incluídas “na conversa” ou não, já que as marcas linguísticas priorizam o masculino. Neste texto, irei subverter a norma e usar prioritariamente o artigo feminino. Caberá aos homens aqui presentes fazer o exercício que nós mulheres fazemos todos os dias e tentar “descobrir” onde estão incluídos e onde não estão. Vamos ao texto:

Em uma sociedade que desvaloriza sistematicamente a professora, onde há um ditado popular: “quem sabe faz, quem não sabe ensina”, se faz urgente um debate acerca da função docente. Essa urgência é ainda maior diante da necessidade de pensar o lugar incerto (diga-se de passagem) das futuras professoras de filosofia nesse debate.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado pela bolsista Danielle Maruk na mesa-redonda: “Professores, para quê?” realizada no Cepae, no dia 26/09/2016.

Para responder a questão proposta, a saber, “Professora, para quê?”, vamos problematizar a figura docente cuja função se reduz a “passar conteúdo” e a neutralidade exigida da professora, e fundamentalmente dela.

A professora seria, então, a contadora de diferentes teorias e versões da história das ciências e da filosofia. Parece justo que a professora narre as diferentes versões do tema a ser trabalhado e não se limite a contar uma única versão, a fim de se afastar do que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama de “o perigo da história única”.

A professora como a mediadora do passado e do presente, é a responsável por apresentar a tradição às novas gerações. Segundo o dicionário Dicio, tradição é: “Transmissão de doutrinas, de lendas, de costumes etc., durante longo espaço de tempo, especialmente pela palavra: a tradição é o laço do passado com o presente.” A boa professora seria, então, a que apresenta diversas versões da tradição e não toma partido por nenhuma delas. Isto é suficiente? Estamos satisfeitos com esta definição de professora? O que esta professora faria que um livro não pode fazer?

O filósofo francês Georges Gusdorf, em seu livro “Professores para quê?” publicado em 1963 nos apresenta uma imagem do cenário que acabamos de desenhar.

Podemos, certamente, substituir o professor por um livro, uma estação de rádio ou um gravador, e não faltam tentativas nesse sentido. Todas as crianças de um país poderiam receber, em casa, o ensino de um único professor, indefinidamente repetido ano após ano, geração após geração. Um só homem pode registrar em pouco tempo o monólogo perpétuo dos relógios falantes. Podemos verificar a imensa vantagem do sistema do ponto de vista financeiro: acabavam-se as escolas, as salas de aula, os milhares de funcionários. O orçamento do Ministério da Educação seria reduzido ao pagamento de uma pequena equipe de instrutores cuja voz seria levada todos os dias até as fronteiras do país. (GUSDORF, 1963, p. 34)

Desse modo, a professora que se limita a “passar conteúdo”, a transmitir a tradição sem questioná-la, não faz nada que um livro ou um vídeo não fariam. Uma figura que seria, portanto, dispensável. No entanto, a professora tem uma responsabilidade tanto com o mundo quanto com o saber que pretende transmitir, estabelecendo um diálogo com a tradição. Preparar uma aula, não é apenas reunir um aglomerado de conteúdos e repassar as estudantes como se fosse apenas uma reprodutora de acontecimentos históricos, apenas transmissora da tradição, ela deve buscar os elos que unam esse referido fato da tradição ao tempo presente, sendo o elo entre o passado e o futuro, visando proporcionar as estudantes uma reflexão crítica e sistemática.

Em uma série de entrevistas feita por Claire Parnet, jornalista francesa, entre os anos de 1988-1989, o filósofo Gilles Deleuze apresenta 25 temas em ordem alfabética. Retomo aqui a letra “P de Professor”, para aprofundar um pouco mais sobre o tema da aula, a aula como obra

de arte. “Uma aula é algo que é muito preparado. [...] Uma aula é ensaiada. [...] Se não tivermos ensaiado o bastante, não estaremos inspirados. Uma aula quer dizer momentos de inspiração, senão não quer dizer nada.”

O ensaio para uma aula é uma preparação, assim como uma artista, a professora ensaia e prepara sua aula, e a inspiração é fundamental para a apresentação que é a obra final a qual se propôs a artista-professora. É nesse momento da apresentação que as estudantes também se inspiram. É no momento da aula, com essa apresentação artística que a estudante será afetada. De fato, essa afetação não irá incidir sobre todas dentro do espaço-tempo de uma aula, mas é muito possível que ocorra em um outro momento, fora desse ambiente, onde a estudante consiga estabelecer uma ligação entre o que lhe foi ensinado com algo que ocorra (ou tenha ocorrido) a ela fora desse ambiente. “Uma aula é uma espécie de matéria em movimento”, com isso, não é um conteúdo que é transmitido de um polo para o outro, do polo que detém o conhecimento para o que o absorve.

A filósofa alemã de origem judaica Hannah Arendt nos traz o cuidado com o mundo como um pré-requisito de quem decide assumir a responsabilidade pela educação em todos os níveis. “Quem se recusa a assumir a responsabilidade do mundo não deveria ter filhos nem lhe deveria ser permitido participar na sua educação” (1957, p. 10).

Parece-nos que o que Hannah Arendt chama de mundo está intimamente ligado à tradição, o mundo onde os recém chegados são inseridos é o mundo da tradição. No entanto, esse mesmo mundo está em constante mudança exatamente em virtude desta ininterrupta chegada de novos indivíduos.

Na medida em que a criança não conhece ainda o mundo, devemos introduzi-la nele gradualmente; na medida em que a criança é nova, devemos zelar para que esse ser novo amadureça, inserindo-se no mundo tal como ele é. No entanto, face aos jovens, os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é. Esta responsabilidade não é arbitrariamente imposta aos educadores. Está implícita no facto de os jovens serem introduzidos pelos adultos num mundo em perpétua mudança. (1957, p. 10)

Se essa reflexão da pensadora é tão importante é porque, a partir dela, podemos esboçar respostas à pergunta feita a esta mesa: “Professora, para quê?” lançando um questionamento sobre a relação entre tradição e mudança. É inegável que a professora é responsável pela tradição entendida aqui como o elo do passado com o presente. Afinal, estudamos e ensinamos a história das diversas ciências que compõem as disciplinas escolares. O que sustentamos aqui é que apresentar a tradição é insuficiente; é função da professora refletir e questioná-la

juntamente com as estudantes. Assumir a responsabilidade pelo mundo não é aceitá-lo do modo com que ele se apresenta, mas antes, questioná-lo. Antes de aceitar a tradição devemos questionar se esta ainda se sustenta, se há boas razões para continuarmos repetindo o passado.

Essa seria, então, a função da professora que não se resume a apresentar e transmitir conteúdos. Sua função seria a de questionar e com esta atitude incentivar as estudantes a questionarem, por exemplo, porque estes conhecimentos são obrigatórios e não outros? Implícita à exigência de neutralidade da professora está a ideia de que os conhecimentos são imparciais. Mas será que são mesmo? Tomamos a liberdade de analisar brevemente o livro didático de filosofia adotado no Cepae: “Filosofando - introdução à filosofia” de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Lúcia Helena Pires Martins, a fim de que observemos a parcialidade de escolhas dos conteúdos ali apresentados. Vejamos.

O quadro cronológico apresenta 98 filósofos, nenhuma filósofa. Já o índice de nomes, apresenta 8 mulheres, e 235 homens. A professora que conta a história sem questioná-la, por mais bem intencionada que seja vai apresentar a história da filosofia que nos chega via tradição, como se a tradição não tivesse lados e partidos, como se fosse imparcial e neutra. Como se a tradição não fosse sexista, racista e contada pelo dominador. É bom evidenciar aqui o fato de vivermos, ainda hoje, em uma sociedade machista e de inegável violência contra a mulher justamente porque herdamos esse traço cultural adquirido via tradição. A tradição filosófica é também uma tradição de silenciamento da mulher, suas razões devem se questionadas e, para tanto, a professora precisa ser mais que uma apresentadora da tradição.

A tradição importa, é ela quem conta a história das coisas que culminou em nosso tempo e no estado de coisas que temos hoje. No entanto, apresentar a tradição de forma acrítica é abdicar do pensamento, é repetir como um “perpétuo relógio falante” de que nos fala Gusdorf. A professora deve analisar criticamente a tradição, ou melhor, as tradições, para argumentar, junto com as estudantes, quais devem permanecer neste mundo novo e quais devem ser abandonadas. É por esta atitude que a professora vai ensinar as estudantes a fazerem o mesmo, é pelo exemplo. Gusdorf lembra que esta relação que se cria entre professora e estudante é mais importante que os conteúdos expressos pelos documentos oficiais. “O essencial mantém-se oculto entre as alíneas do programa, como que subentendido. Porém uma mudança de perspectiva facilmente mostraria que o que importa não é aquilo do que se fala. Aquilo do que se fala é apenas um pretexto”. (GUSDORF, 1963, p. 34).

A relação entre professora e estudante deve ser de respeito mútuo, o que exclui a doutrinação uma vez que quem doutrina o outro não respeita sua liberdade intelectual. No entanto, falar em neutralidade pode ser um tanto indigesto, posto que a própria figura da

professora, seu sexo, seu gênero, a cor de sua pele, a regionalidade apresentada em sua fala... a colocam em determinados lugares sociais que são parciais. No início de nossa fala, cumprimentamos as mulheres e os homens aqui presentes e o fato de dar “boa tarde a tod@s” não ser suficiente para nós e não contemplar todas as pessoas aqui presentes aponta para um posicionamento de nossa parte, um esforço em incluir as mulheres no discurso, de dar visibilidade a elas, ou melhor, a nós. Esta postura não é neutra, é uma postura que toma partido pela visibilidade das mulheres.

A professora é então, um duplo do que apresenta e ao mesmo tempo questiona as tradições. A tradição não pode ser simplesmente ensinada pela manutenção das coisas como estão, ela deve ser antes, questionada e refletida. Encerramos nossa fala repetindo as profundas palavras de Gusdorf (1963, p. 47): “Cabe a ele (o professor) atestar, por sua atitude global, que não é uma vítima passiva do sistema de que é prisioneiro”.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>. Acesso em: 14 de set. 2016.

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

ARENDT, Hannah. *A crise na educação*. Disponível em: <[http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna\\_arendt\\_crise\\_educacao.pdf](http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf)> Acesso em 14 de set. 2016.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista a Claire Parnet nos anos de 1988-1989, em vídeo, divulgado no Brasil pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e legendas: Raccord Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>> Acesso em 04, dezembro, 2011.

GUSDORF, Georges. *Professores para quê? : Para uma pedagogia da pedagogia*. Tradução M.F. – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MALTA, Magno. *Programa Escola sem Partido*. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/rotinas/materia/getPDF.asp?t=192259&tp=1>. Acesso em: 14 de set. de 2016.